

ABRAHAM VERGHESE

O décimo primeiro mandamento

Romance

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Abraham Verghese

Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos pela Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc., Nova York.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Cutting for stone: a novel

Capa

Flávia Castanheira

Foto de capa

Christopher Wilson

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Marise Leal

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verghese, Abraham

O décimo primeiro mandamento / Abraham Verghese ;
tradução Donaldson M. Garschagen. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2011.

Título original: Cutting for stone: a novel
ISBN 978-85-359-1810-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

11-01107

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*E como amo esta vida,
Sei que amarei também a morte.
A criança chora quando
Do peito direito a mãe carinhosa
O afasta, mas logo em seguida
Encontra no peito esquerdo
Um doce consolo.*

Rabindranath Tagore, *Gitanjali*

PARTE I

*... pois o segredo do cuidado com o paciente
está em cuidar do paciente.*

Francis W. Peabody, 21 de outubro de 1925

1. Mais uma vez, o estado tifoide

A irmã Mary Joseph Praise tinha chegado ao Hospital da Missing, vinda da Índia, sete anos antes de nosso nascimento. Ela e a irmã Anjali foram as primeiras noviças da Ordem das Carmelitas de Madras a passar também pelo árduo curso de enfermagem no Hospital Geral Público da cidade. No dia da formatura, minha mãe e Anjali receberam seus distintivos de enfermeiras e naquela noite fizeram seus votos finais de pobreza, celibato e obediência. Em vez de “estagiária” (no hospital) e “noviça” (no convento), podiam agora ser tratadas em ambos os lugares como “irmã”. A velha e piedosa abadessa, Shessy Geevarughese, conhecida afetuosamente como Amma Santinha, não perdera tempo em dar sua bênção às duas jovens freiras enfermeiras e revelar-lhes o lugar surpreendente para onde iriam: a África.

No dia em que deveriam partir, todas as noviças saíram do convento para o porto numa caravana de triciclos para se despedir das duas irmãs. Vejo na imaginação as noviças alinhadas no cais, tagarelando e tremendo de entusiasmo e emoção, os hábitos brancos agitando-se ao vento, as gaivotas saltitando ao redor de suas sandálias.

Tenho pensado muitas vezes no que passava pelo espírito de minha mãe quando ela e a irmã Anjali, ambas com apenas dezenove anos, deram seus últimos passos em solo indiano e embarcaram no *Calangute*. Ela deve ter

ouvido soluços abafados e inúmeros “Vá com Deus!”, enquanto subia a rampa de embarque. Estaria com medo? Porventura se perguntaria se tinha tomado a decisão certa? No passado, ao entrar para o convento, tinha se separado para sempre de sua família biológica em Cochin e se mudara para Madras, que ficava a um dia e uma noite de trem de sua casa. No que dizia respeito a seus pais, ela poderia ter viajado para o outro lado do mundo, pois nunca mais voltariam a vê-la. E agora, depois de três anos em Madras, estava se distanciando de sua família religiosa, desta vez para cruzar um oceano. Tampouco haveria um retorno.

Alguns anos antes de sentar para escrever esta narrativa, viajei a Madras em busca da história de minha mãe. Nos arquivos da Ordem das Carmelitas, nada achei sobre ela, mas localizei o diário de Amma Santinha, no qual a abadessa registrava os fatos de cada dia. Quando o *Calangute* soltou suas amarras, Amma Santinha ergueu a mão como um inspetor de tráfego e, “usando de minha voz de sermão, que, como me dizem, desmente minha idade”, pronunciou as seguintes palavras: “Sai-te da tua terra por amor a mim”, uma vez que o Gênesis era seu livro bíblico favorito. Amma Santinha havia refletido bastante sobre essa missão. Na verdade, a Índia tinha necessidades imensuráveis. Mas isso jamais mudaria e não era desculpa. As duas jovens freiras, as mais brilhantes e bonitas do convento, seriam líderes espirituais: indianas que levariam o amor de Cristo aos confins sombrios da África. Essa era a grande ambição da priora. Em seus documentos, ela revela o que pensava: como os missionários ingleses descobriram ao chegar à Índia, não havia meio melhor de transmitir o amor de Cristo do que através de compressas quentes e cataplasmas, linimentos e curativos, limpeza e consolo. Que melhor ministério que o da cura? Suas duas jovens freiras cruzariam o oceano e com isso nasceria a Missão das Carmelitas Descalças de Madras na África.

Observando os dois vultos que acenavam da borda do convés até se tornarem pontinhos brancos, a boa abadessa teve uma pontada de apreensão. E se, devido à obediência cega das moças ao plano que ela havia arquitetado, elas estivessem sendo condenadas a um horrível destino? “Os missionários ingleses têm o poderoso império a apoiá-los... Mas e minhas meninas?” Ela escreveu que os ritos estridentes das gaivotas e os salpicos dos excrementos das aves haviam desfigurado a bela despedida que ela imaginara. Tinha ficado perturbada com o cheiro insuportável de peixe e madeira podres e com os estivado-

res de peitos nus, cujas bocas manchadas de suco de betel babavam de lascívia à vista de sua ninhada de virgens.

“Pai, confiamos nossas irmãs a Ti para que as guarde”, disse Amma Santinha, depositando a questão em Seus ombros. Parou de acenar e suas mãos se abrigaram nas mangas do hábito. “Suplicamos Tua misericórdia e proteção neste posto avançado das Carmelitas Descalças...”

Era 1947 e os britânicos estavam finalmente saindo da Índia. O Movimento Indiano de Independência, com sua palavra de ordem *Quit India*, “Saíam da Índia”, tinha feito o impossível acontecer. Amma Santinha soltou o ar lentamente dos pulmões. Era um novo mundo, que pedia ações ousadas, ou ela assim acreditava.

O pacote flutuante de miséria, pintado de preto e vermelho, que pretendia ser um navio seguia pelo oceano Índico rumo a seu destino, Áden. Em seus porões, o *Calangute* carregava um sem-fim de engradados de fios de algodão, arroz, seda, armários Godrej, arquivos Tata, bem como trinta e uma motocicletas Royal Enfield Bullet com os motores envolvidos em oleados. O navio não se destinava a transportar passageiros, mas o capitão grego fazia isso, acomodando “hóspedes pagantes”. Eram muitas as pessoas que preferiam viajar num cargueiro, a fim de economizar na passagem, e ele se dispunha a lhes fazer a vontade, reduzindo o número de tripulantes. Nessa viagem, levava duas freiras de Madras, três judeus de Cochim, uma família de Guzerate, três malaaios de aspecto suspeito e alguns europeus, entre os quais dois marinheiros franceses que voltariam a seu navio em Áden.

O *Calangute* tinha um imenso convés, maior do que seria de esperar. Numa de suas extremidades, como um inseto no dorso de um elefante, ficava a superestrutura que abrigava a tripulação e os passageiros, cujo piso superior formava o passadiço. Minha mãe, a irmã Mary Joseph Praise, era uma malaiali de Cochim, no estado de Kerala. Os malaiali cristãos faziam remontar sua fé à chegada de são Tomé à Índia, vindo de Damasco, no ano 52 d. C. Tomé, o Incrédulo, construiu suas primeiras igrejas em Kerala bem antes de são Pedro chegar a Roma. Minha mãe era piedosa e católica praticante; no curso secundário, caiu sob a influência de uma carismática freira carmelita que trabalhava junto aos pobres. A terra natal de minha mãe era uma cidade formada

por cinco ilhas dispostas como pedras preciosas num anel, voltada para o mar da Arábia. Durante séculos, os comerciantes de especiarias frequentaram Cochim, para onde iam em busca de cardamomo e cravo. Entre eles, havia um certo Vasco da Gama, que lá esteve em 1498. Com muitas dificuldades, os portugueses conseguiram criar uma colônia em Goa, torturando a população hindu para convertê-la ao catolicismo. Padres e freiras por fim chegaram a Kerala, como se não soubessem que são Tomé tinha levado a visão incorrupta de Cristo a Kerala mil anos antes deles. Para desgosto de seus pais, minha mãe se fez freira carmelita, abandonando a antiga tradição cristã síria de são Tomé para abraçar aquela seita adventícia e papista (no entendimento de seus pais). Não teriam ficado mais decepcionados se ela tivesse se tornado muçulmana ou hindu. Ainda bem que não souberam que ela era também enfermeira, o que para eles significaria que ela poluía as mãos como uma intocável.

Minha mãe crescera à beira do mar, vendo as antigas redes de pesca chinesas suspensas na extremidade de longos bambus e dependuradas sobre a água como gigantescas teias de aranha. O oceano era o proverbial “celeiro” de sua gente, o provedor de camarões e peixe. Agora, porém, no convés do *Calangute*, sem a praia de Cochim para emoldurar o que ela via, não reconhecia o celeiro. Ficava a imaginar se em seu centro o oceano sempre fora assim: fume-gante, malévolos e agitados. Atormentava o *Calangute*, fazendo-o jogar, guinar e estalar, desejando nada menos que engoli-lo inteiro.

Ela e a irmã Anjali isolavam-se na cabine, aferrolhando a porta contra os homens e o mar. As jaculatórias da companheira assustavam minha mãe. A leitura ritual do evangelho de Marcos tinha sido ideia da irmã Anjali, que dizia que isso dava asas à alma e disciplina ao corpo. As duas freiras submetiam cada letra, cada palavra, linha e período a *dilatatio*, *elevatio* e *excessus*: contemplação, elevação e êxtase. A antiga prática monástica de Ricardo de São Vítor mostrou-se útil para uma interminável viagem oceânica. Na segunda noite, depois de dez horas dessa leitura atenta e reflexiva, a irmã Mary Joseph Praise sentiu de repente que as letras e as páginas se dissolviam; as fronteiras entre Deus e ela própria se desintegram. A leitura havia causado isso: uma entrega jubilosa de seu corpo ao sagrado, ao eterno e ao infinito.

À hora das vésperas, na sexta noite (pois estavam determinadas a cumprir a rotina do convento, onde quer que estivessem), tinham acabado um hino, dois salmos e suas antífonas, a seguir a doxologia e estavam entoando o “Magnificat”

quando um som penetrante, de madeira rachada, as trouxe de volta à terra. Agarraram seus salva-vidas e saíram correndo. Deram com um trecho do convés que havia se deformado e se elevado como uma pirâmide, quase como se o *Calangute* fosse feito de papelão ondulado, como pensou a irmã Mary Joseph Praise. O capitão continuou a fumar seu cachimbo, com um sorriso forçado que dava a entender que seus passageiros tinham reagido de forma exagerada.

Na nona noite, quatro dos dezesseis passageiros e um tripulante caíram de cama com uma doença cujos sinais exteriores eram manchas rosadas que apareceram no segundo dia de febre e que se dispunham como um quebra-cabeças chinês no peito e no abdome. A irmã Anjali sofria atrozmente, e sua pele queimava ao menor toque. No segundo dia da doença, entrou em delírio.

Entre os passageiros do *Calangute* havia um jovem cirurgião — um inglês com olhos de lince que estava deixando o Serviço Médico Indiano por atividades mais rendosas. Era alto e forte e, embora seus traços angulosos lhe dessem um ar faminto, ele evitava a sala de jantar. A irmã Mary Joseph Praise se chocara com ele, literalmente, no segundo dia da viagem, ao tropeçar na escada de metal molhada que levava de sua cabine ao salão comunitário. O inglês, que subia atrás dela, segurou-a como pôde, pegando-a pela região do cóccix e pelo lado esquerdo da caixa torácica. Depois a endireitou como se ela fosse uma criança. Quando ela balbuciou um agradecimento, ele ficou vermelho como um pimentão, pois tinha ficado mais embaraçado do que ela com a intimidade inesperada. Ela sentiu que uma equimose se formava nos lugares onde ele a tinha segurado, mas havia naquele incômodo algo que fazia com que ela não se importasse. Depois disso, durante vários dias não viu mais o inglês.

Agora, procurando ajuda médica, a irmã Mary Joseph Praise juntou coragem para bater à porta de sua cabine. Uma voz fraca mandou-a entrar. Foi recebida por um odor bilioso de acetona. “Sou eu. A irmã Mary Joseph Praise”, disse ela, em voz alta. O médico estava deitado de lado em seu beliche. Sua pele tinha a mesma tonalidade do calção cáqui, e seus olhos estavam fechados. “O senhor também está com a febre, doutor?”, perguntou, hesitante.

Ele tentou olhar para ela, mas seus globos oculares rolaram como bolas de gude num prato inclinado. Virou-se e vomitou com esforço num balde de incêndio, mas errou, o que não fez diferença, pois o balde estava cheio até a borda. A irmã Mary Joseph Praise correu em sua direção e levou a mão à sua testa. Fria e pegajosa, mas sem febre alguma. As faces dele estavam cavadas, e

seu corpo parecia ter encolhido para caber na cabine minúscula. Nenhum passageiro tinha deixado de enjoar, mas a situação do inglês era grave.

“Doutor, vim aqui para lhe falar de uma febre que já atacou cinco pacientes. Ela provoca erupções na pele, arrepios e suores, além de queda na pulsação e perda de apetite. Todos estão estáveis, menos a irmã Anjali. Doutor, estou muito preocupada com ela...”

Ela se sentiu melhor depois de transmitir sua apreensão, ainda que o inglês nada lhe respondesse, além de um gemido. Seus olhos caíram num fio de categute enrolado em torno da guarda da cama, perto da mão dele, e que apresentava um número enorme de nós, uns sobre os outros, tantos que o fio tinha ficado meio ereto, como um mastro retorcido. Era assim que o inglês tinha registrado a passagem das horas ou anotado seus acessos de vômito.

A irmã limpou o balde e o repôs ao alcance do médico. Limpou o chão com uma toalha, que depois enxaguou e pendurou para secar. Pôs um jarro com água a seu lado. Retirou-se, perguntando-se quantos dias fazia que ele não comia.

Ao anoitecer, seu estado tinha se agravado. A irmã Mary Joseph Praise levou-lhe lençóis, toalhas e um caldo. Ajoelhada, tentou alimentá-lo, mas o cheiro da comida lhe provocava engulhos. Seus olhos tinham afundado nas órbitas. A língua, ressecada, parecia a de um papagaio; ela reconheceu o cheiro adocicado da cabine — era o odor da inanição. Ao beliscar uma dobra da pele na parte inferior do braço dele e depois soltá-la, a pele não se distendeu, mantendo-se como uma tenda, da mesma forma que o convés deformado. O balde estava pela metade, com um fluido claro. Ele balbuciava alguma coisa a respeito de campos verdes e não dava pela sua presença. Por acaso o enjoo poderia ser fatal?, pensava ela. Ou o inglês padecia de uma *forme fruste* da mesma febre que havia acometido a irmã Anjali? Eram tantas as coisas que ela não sabia de medicina! No meio do oceano, cercada de doentes, ela sentia o peso de sua ignorância.

Entretanto, sabia cuidar de doentes. E sabia rezar. Enquanto rezava, tirou devagar a camisa dele, dura de bile e saliva, e baixou-lhe o calção. Enquanto o higienizava na cama, sentia-se constrangida, pois nunca havia cuidado assim de um homem branco e, ainda por cima, médico. Ao toque do pano, a pele dele se arrepiava, mas não mostrava as erupções que ela vira nos quatro passageiros e no jovem camareiro que também tinha contraído a febre. Os músculos fortes de seus braços juntavam-se, formando uma massa, no ombro. Só

agora ela notava que o lado esquerdo de seu peito era menor que o direito; a cavidade sobre a clavícula esquerda poderia conter meio copo de água, enquanto na da direita não caberia mais que uma colher de chá. E ela notou também uma profunda depressão que começava pouco abaixo do mamilo esquerdo e se estendia até a axila. A pele nessa cratera era brilhante e franzida. Ela tocou nesse lugar e admirou-se ao ver que seus dedos afundavam, sem encontrar resistência óssea. Na verdade, era como se faltassem duas ou talvez três costelas contíguas. No fundo dessa depressão, o coração dele batia com firmeza contra o dedo dela, só separados por uma fina camada de pele e gordura. Quando ela afastou a mão, pôde ver o ventrículo a empurrar-lhe a pele.

Os pelos finos e translúcidos no peito e no abdome davam a impressão de ter se espreado a partir do filão maior de pelo no púbis. Impassível, a irmã Mary Joseph Praise limpou-lhe o membro incircuncidado, virou-o de lado e cuidou do saco escrotal enrugado e inerte. Lavou seus pés e chorou ao fazê-lo, lembrando inevitavelmente de seu Doce Senhor e de Sua última noite na terra com os discípulos.

Nos baús dele, ela achou livros que tratavam de cirurgia. Ele havia anotado nomes e datas nas margens, e só mais tarde lhe ocorreu que eram nomes de pacientes, tanto indianos quanto britânicos, recordações de uma enfermidade que ele tinha vindo a conhecer num Peabody ou num Krishnan. Havia às vezes uma cruz junto do nome, e ela tomou isso como indicação de que o paciente tinha sucumbido. Encontrou onze cadernos cobertos por uma caligrafia econômica de traços descendentes abruptos, com o texto a dançar um pouco acima das linhas e sem obedecer a margem alguma, a não ser o limite da página. Para um homem aparentemente calado, sua caligrafia revelava uma inesperada volubilidade.

Por fim, ela encontrou uma camiseta limpa e um calção. O que significava um homem ter menos roupas que livros? Virou-o, primeiro para um lado e depois para o outro, para trocar os lençóis da cama, e em seguida o vestiu.

Ela sabia que ele se chamava Thomas Stone porque o nome estava escrito no interior do compêndio de cirurgia que ele pusera no criado-mudo. Nesse livro ela achou alguma coisa sobre febre com erupções, mas absolutamente nada sobre enjoo marítimo.

Depois que caiu a noite, a irmã Mary Joseph Praise caminhou bastante pelos corredores balouçantes, correndo de uma cama de doente para outra. A

elevação no ponto em que o convés se arqueara parecia um vulto embaçado e ela desviava os olhos. Em certo momento, viu uma montanha negra, uma onda descomunal, de vários andares de altura, e o *Calangute* pareceu na iminência de cair num abismo. Torrentes de água precipitavam-se sobre a proa, e o barulho foi mais assustador do que a cena.

No meio do oceano tempestuoso, cambaleando devido à falta do sono e a braços com uma terrível crise médica, seu mundo tinha se simplificado. Dividia-se entre os que tinham febre, os que sofriam de enjoo e os sãos. E era possível que nenhuma dessas distinções importassem, pois muito em breve todos poderiam estar afogados.

Depois de não resistir ao sono e cochilar, ela acordou ao lado de Anjali. No instante seguinte, ou assim pareceu, acordou de novo, mas dessa vez na cabine do inglês, onde havia adormecido ajoelhada ao lado de sua cama, com a cabeça apoiada no peito dele, o braço do médico descansando no ombro dela. No tempo que ela levou para se dar conta disso, havia dormido de novo, acordando ao raiar do dia e se vendo deitada no beliche, bem no canto, encostada em Thomas Stone. Correu de volta para Anjali e a encontrou pior, com a respiração agora espasmódica e rápida. Em sua pele tinham aparecido grandes manchas púrpura e confluentes.

Os rostos ansiosos dos tripulantes insones e o fato de um deles ter se ajoelhado diante dela e dito “Irmã, perdoe meus pecados!” diziam-lhe que o navio ainda corria perigo. A tripulação não tomava conhecimento de seus pedidos de ajuda.

Nervosa e frustrada, a irmã Mary Joseph Praise tirou uma rede do salão comunitário devido a uma visão que tivera naquele estado amnésico entre a vigília e o sono. Instalou-a na cabine do inglês, prendendo um punho na vigia e outro na coluna do beliche.

O dr. Stone era um peso morto e só a intercessão de santa Catarina permitiu que ela o tirasse do beliche para o chão e depois o erguesse, uma parte do corpo de cada vez, para a rede. Respondendo mais à gravidade que ao balanço do navio, a rede encontrou a verdadeira horizontal. A irmã ajoelhou-se ao lado dele e rezou, abrindo o coração a Jesus, completando o “Magnificat” que tinha interrompido na noite em que o convés se encurvara.

A cor voltou primeiro ao pescoço de Stone, e depois a seu rosto. Ela o fazia beber água com uma colher de chá. Dentro de uma hora, ele conseguiu

reter o caldo. A luz voltava a seus olhos, que estavam agora abertos e acompanhavam cada um dos movimentos dela. Num momento em que ela ergueu a colher, dedos robustos rodearam-lhe o pulso para guiar o alimento a sua boca. Ela se lembrou do versículo que cantara momentos antes: “Aos famintos ele encheu de bens, e vazios despediu os ricos”.

Deus ouvira suas preces.

Pálido e fraco, Thomas Stone foi com a irmã Mary Joseph Praise à cabine onde estava a irmã Anjali. Espantou-se ao ver a freira de olhos arregalados e delirante, o rosto encovado e ansioso, o nariz aguçado como uma pena, as narinas alargando-se a cada expiração, aparentemente desperta mas de todo alheia aos visitantes.

Ajoelhou-se a seu lado, mas, mesmo com os olhos vidrados voltados para ele, Anjali não o via. A irmã Mary Joseph Praise notou o modo experiente como ele puxou as pálpebras da enferma, para examinar sua conjuntiva, e o modo como balançou a lanterna diante de suas pupilas. Seus movimentos eram serenos e contínuos ao dobrar a cabeça de Anjali para a frente, a fim de verificar se havia rigidez no pescoço, ao procurar nódulos linfáticos, ao mover-lhe os membros e ao percutir o tendão patelar usando o nó do indicador na falta de um martelo de reflexo. O desajeitamento que a irmã Mary Joseph Praise julgava ter percebido nele, ao vê-lo como passageiro e depois como paciente, tinha desaparecido.

O dr. Stone despiu a freira, sem atentar para a ajuda da irmã Mary Joseph Praise enquanto detidamente examinava as costas, as coxas e as nádegas da paciente. Os dedos longos e benfeitos que sondaram o ventre de Anjali à procura do baço e do fígado pareciam ter sido criados para aquele fim. A carmelita não podia imaginá-los fazendo outra coisa. Na falta de um estetoscópio, colou o ouvido ao coração da irmã Anjali e depois a seu ventre. Depois virou-a de lado e comprimiu o ouvido de encontro às costelas para auscultar os pulmões. Refletiu por um momento, e depois murmurou: “O som da respiração está mais fraco na direita... Parótidas aumentadas... Está com ínguas... Por quê?... O pulso está fraco e rápido...”.

“O pulso estava fraco quando a febre começou”, disse a irmã.

“Você já disse isso”, respondeu o dr. Stone, seco. “Quantos batimentos?” Não ergueu o olhar.

“Quarenta e cinco a cinquenta, doutor.”